

“Favelados, não. Cidadãos da favela”: o discurso audiovisual dos *media* alternativos sobre as favelas

Kamila Fernandes

Resumo

Grupos sociais marginalizados no Brasil são muitas vezes estigmatizados pelos meios noticiosos do mainstream, o que contribui para aprofundar as desigualdades sociais. Por outro lado, iniciativas de mídia alternativos potencialmente têm um papel relevante ao propor outras narrativas sobre os grupos subalternos. Mas que sentidos são construídos por esses discursos alternativos? Neste estudo, refletimos sobre discursos produzidos por dois grupos de mídia alternativos brasileiros que atuam em favelas, para identificar as estratégias discursivas presentes no conteúdo audiovisual que produzem. O objetivo é problematizar se este tipo de comunicação contribui para pluralizar a esfera mediática e para gerar transformações sociais. Entre as conclusões, identificamos que ambos os grupos buscam contrapor o estigma do “favelado”, atribuindo um protagonismo e um papel cidadão aos moradores das favelas, mas não favorecendo um ambiente agonístico.

Palavras-chave: Mídia alternativos. Favelas. Teoria do Discurso. Análise Multimodal.

Abstract

Marginalized social groups in Brazil are widely stigmatized by the mainstream media's news, which contributes to deepening social inequalities. On the other hand, alternative media outlets have a relevant role to build other narratives about social subordinate groups. But which meanings are constructed by these alternative discourses? In this study, we reflect about discourses produced by two groups of alternative media which work in favelas, to identify the discursive strategies presented in the audio-visual content produced. The objective is to problematize if this type of communication pluralizes the media sphere to generate social transformations. Among the conclusions, we identified that both groups seek to oppose the stigma of the favelado, attributing a citizen role to the residents of favelas, but not favouring an agonistic ambient.

Keywords: Alternative Media. Favelas. Discourse Theory. Multimodal Analysis.

Introdução

As favelas são provavelmente a mais evidente materialização das desigualdades sociais do Brasil. São espaços urbanos com alta densidade demográfica, onde as pessoas vivem em grande vulnerabilidade social, o que inclui desde as más condições das casas inacabadas, a ausência de documentos de propriedade dos imóveis, riscos provocados pela degradação do solo e a negação de serviços básicos pelo Estado, como saneamento, atenção à saúde, educação, lazer e segurança. Condições que se agravam com a presença do crime organizado e de milícias, que levam violência e mais riscos a estes espaços (BARCELLOS; ZALUAR, 2014).

Assim como as condições físicas dessas localidades foram construídas historicamente, também sua representação social hegemônica foi estabelecida ao longo do tempo e majoritariamente de maneira negativa e estigmatizante (GONDIM, 1982), associando a favela a um espaço sujo, degradado e repleto de criminosos, e cuja precariedade deveria ser associada não às desigualdades sociais, mas sim à culpa de seus próprios habitantes, os favelados.

Uma das esferas que mais contribuíram para a inferiorização simbólica da favela foi a esfera mediática, ainda que os *media* também tenham começado a abrir espaço para produções que visam enaltecer o que consideram ser o lado positivo das periferias, sobretudo na ficção e no entretenimento desde o final dos anos 1990 (ROCHA, 2018; ROSAS-MORENO; STRAUBHAAR, 2015). No jornalismo, porém, seguem prevalecendo os enquadramentos negativos, o que tem motivado a criação de iniciativas comunicacionais que buscam expor outras visões possíveis sobre sujeitos subjugados ou minorias, com os chamados *media* alternativos (ATTON, 2002; PERUZZO, 2008).

Neste artigo, proponho analisar produções em vídeo de dois grupos de *media* alternativos que atuam em favelas no Brasil, o Coletivo Papo Reto, do Rio de Janeiro, e o Favela News, do Recife. A ideia é mostrar que representações sociais e que sentidos são construídos por eles sobre seus espaços de ação e seus habitantes, ou seja, a favela e os favelados. Para tanto, utilizamos ferramentas da análise semiótica multimodal (MACHIN; MAYR, 2012) para analisar conteúdos em vídeo produzidos pelos dois grupos em 2017, observando os modos de comunicação e as estratégias discursivas utilizadas.

Além de uma discussão sobre a produção de representações sobre a favela pelos *media* ao longo do tempo, a análise parte de uma reflexão sobre as tensões que marcam a produção discursiva, de um modo geral, e os caminhos para superar um ambiente comunicacional essencialmente antagônico, a partir de um ideal de democracia radicalmente plural (MOUFFE, 1992). Essa discussão é necessária para que possamos responder se, afinal, a produção de tais grupos, a partir das estratégias discursivas aplicadas pelos diferentes modos semióticos analisados, contribui para uma sociedade mais plural.

Os *media* e o estigma do favelado

Como uma das heranças do período escravista do Brasil, que perdurou oficialmente até 1888, as favelas foram formadas a partir do final do século XIX, como uma das poucas alternativas de habitação em áreas urbanas não só para ex-escravos, mas também para imigrantes que chegavam da Europa (portugueses, italianos e espanhóis) e da região Nordeste do Brasil, de onde a população mais pobre fugia da seca (CARRIL, 2006; VALLADARES, 2000).

Ao longo do tempo, as favelas se converteram em grandes bairros, marcados pela inexistência de planejamento urbanístico e pela baixa atenção do poder público (VAZ, 1994). Por sua origem, desde os primórdios, essas áreas foram renegadas pela elite econômica e política – o que inclui os *media* –, que passou a associar as favelas a enfermidades, perversões e crimes (ROCHA, 2018; VALLADARES, 2000). Desde o final dos anos 1970, as favelas são mais recorrentemente relacionadas ao tráfico de drogas (KERSHISNIK, 2012), que de fato passou a atuar nestes ambientes para se organizar e se fortalecer, a partir de facções criminosas que hoje ganharam dimensão nacional. Milícias armadas, formadas por policiais na ativa ou reformados, completam o cenário, levando a um significativo aumento no número de mortes violentas e contribuindo diretamente para promover a “ecologia do perigo” no entorno das favelas (BARCELLOS; ZALUAR, 2014).

Evidentemente, a favela não se restringe ao crime e à degradação. Contudo, como detalharam diferentes estudos (ROCHA, 2018; VALLADARES, 2000), ao longo do tempo os estereótipos foram sendo fortalecidos com a ajuda direta das representações mediáticas, e principalmente do jornalismo, que passou a definir a favela como espaço de “vagabundos e criminosos” (VALLADARES, 2000, p. 8) ou como um local “não civilizado, sujo e perigoso” (ROCHA, 2018). Essa representação negativa mudou pouco ao longo de décadas (SILVA; ANSEL, 2012), o que reforça o estigma que afeta os habitantes da favela, os “favelados”, como “justificativa ideológica para essa situação de desigualdade” (GONDIM, 1982, p. 28).

Gondim (1982, p. 30) considera a estigmatização um processo de classificação social em que um grupo identifica outro por determinados atributos reconhecidamente negativos. Como principal consequência da estigmatização da favela resulta a aplicação de políticas de

supressão ou de ataque contra estes espaços e seus atores sociais, como acontece nos processos de remoção que afetam tais áreas de modo recorrente. Porém, como as condições sociais que permeiam o ambiente mediático não são perenes, as representações sociais hegemônicas são sempre tensionadas e podem ser transformadas.

No caso das favelas, temos essa mudança impulsionada principalmente pela produção cultural audiovisual, começando com o cinema, que, como detalha Androvandi (2010), desde o final dos anos 1990 passou a abordar esses espaços, obtendo expressiva visibilidade com produções que inicialmente acentuavam a violência¹. A partir de meados dos anos 2000, a televisão se apropriou do tema sob um viés positivo, tanto em produtos ficcionais (telenovelas e séries²), como em programas de entretenimento. Nesses casos, o crime era minimizado ou até omitido, dando lugar a aspectos culturais, à honestidade dos moradores e ao convívio pacífico, gerando um efeito de normalização da favela. Ainda que essa visão positiva tenha chegado também às páginas dos jornais, ainda é minoritária, mantendo-se a ênfase no enquadramento negativo (ROSAS-MORENO; STRAUBHAAR, 2015).

Vale ressaltar que a maioria dessas produções culturais que realçam elementos positivos das favelas contou com a participação de moradores em sua produção, o que muitas vezes se tornou possível pela mediação de ONGs (organizações não-governamentais) que atuam nesses espaços (ROCHA, 2006).

A estigmatização da favela e dos favelados nos *media* noticiosos, porém, também não ocorre sem resistência. Há uma re-

1 Destacam-se entre as produções cinematográficas o documentário *Notícias de uma Guerra Particular* (1999) e *Falcão, Meninos do Tráfico* (2006), e as ficções *Cidade de Deus* (2002) e *Tropa de Elite* (2007).

2 Entre essas produções televisivas estão a série *Cidade dos Homens*, da TV Globo, iniciada em 2002, as telenovelas *Vidas Opostas*, da TV Record (2006), e *Dois Caras*, da TV Globo (2007), e o programa de entretenimento *Central da Periferia*, também da TV Globo (2006).

ação que se materializa de diferentes maneiras e que, nos últimos anos, encontrou no ambiente digital um espaço favorável para ampliar a difusão de uma contra-comunicação que tem, entre seus objetivos, o propósito de apresentar outras representações possíveis da favela. Tanto que, para Custódio (2017), acabou por se constituir em um tipo específico de prática comunicacional, o “mediativismo de favela”.

Custódio (2017) considera que o “mediativismo de favela” é caracterizado por ações individuais ou coletivas de habitantes de favelas, que utilizam os *media* para gerar atos de contestação que levam ao exercício da cidadania. Não há um modelo único desse mediativismo, efetivando-se especialmente em práticas de comunicação alternativa (ATTON, 2002; PERUZZO, 2008), ou como prefere Rodriguez (2001), de *media* cidadã (*citizen's media*).

Os *media* alternativos são iniciativas comunicacionais constituídas com a intenção de suprir alguma omissão dos *media* do *mainstream*, não mantendo vínculos com corporações mediáticas e empresariais. Essas iniciativas normalmente têm diferentes objetivos, que vão desde dar visibilidade a vozes de sujeitos que pertencem a grupos sociais subjugados (HARCUP, 2003), tratar temas que não integram os valores-notícia tradicionais (MORAES, 2013), ser espaço de partilhas e de reconhecimento por parte de uma comunidade (RODRIGUEZ, 2001), até inspirar transformações sociais (RODRIGUEZ; FERRON; SHAMAS, 2014). Nem todos os projetos de *media* alternativa produzem jornalismo, mas há muitos que assumem essa intenção, buscando, nesse caso, apresentar narrativas que possibilitem novas representações, radicalizar a democracia (OLIVEIRA, 2011), bem como desafiar normas do próprio jornalismo, tais como a objetividade e a imparcialidade (ATTON, 2011).

Nas favelas, encontramos desde rádios comunitárias ou “piratas” (SILVA, 2007; VIVES, 2009) e emissoras de televisão (RODRIGUEZ, 2001), até projetos de cinema (FAGUNDES, 2016) e de mídia impressa. Com a aparição das redes sociais, uma grande quantidade de conteúdo passou a ser gerada por novos atores, em diferentes favelas e com diferentes linguagens. Além disso, em parceria com ONGs nacionais e internacionais, esse midiativismo também tem contribuído para alterar as representações das favelas nos próprios *media* noticiosos do *mainstream*, como aconteceu na preparação para a cobertura internacional das Olimpíadas no Brasil.

Como exposto em um relatório da ONG Comunidades Catalisadoras (ROBERTSON, 2016), ao longo de oito anos, a partir da aproximação entre moradores e repórteres, imagens positivas sobre a favela, difundidas em jornais estrangeiros, se tornaram bem mais frequentes, contando com uma participação maior dos habitantes e com referências à sua produção cultural, e não só à violência. Tais iniciativas comunicacionais, assim, não se restringem a produzir conteúdo, buscando inspirar mudanças sociais efetivas a partir de uma transformação nas concepções simbólicas que definem esses aglomerados sociais.

Neste trabalho, são analisadas duas iniciativas de *media* alternativos, ou de midiativismo de favela, que utilizam meios digitais para difundir seu conteúdo em vídeo, Coletivo Papo Reto e Favela News.

O Coletivo Papo Reto existe desde 2014 e atua no Complexo do Alemão, um conjunto de favelas onde vivem cerca de 70 mil pessoas (IBGE, 2010)³, na região norte do Rio de Janeiro. O grupo fun-

3 O número está certamente defasado, já que o mais recente é do Censo realizado pelo IBGE em 2010. Cálculos mais recentes indicam que a população atual vivendo em favelas do Complexo do Alemão pode chegar a 150 mil habitantes, como destaca Oliveira (2016, p. 100), em nota de rodapé, atribuindo a informação ao Instituto Raíces em Movimento.

ciona com trabalho voluntário, com a participação de oito pessoas, que atualizam a página do Facebook diversas vezes por dia, com informações, fotografias, memes e vídeos, incluindo emissões ao vivo (*live streaming*). O grupo tinha, até o dia 29 de janeiro de 2019, 50 mil seguidores neste *site* de rede social.

Já o Favela News existe desde 2011, com atuação nas favelas da região metropolitana do Recife, no Nordeste do Brasil, onde estima-se que vivam 852 mil pessoas (IBGE, 2010)⁴. O projeto conta com a participação de seis pessoas e com a ajuda financeira de instituições filantrópicas. No Facebook, o grupo tinha, até o dia 29 de janeiro de 2019, 38 mil seguidores. O Favela News também faz publicações variadas, com fotografias, vídeos e textos.

Antes de iniciar a análise, tratarei de aspectos relevantes relacionados à produção de representações sociais pelos *media*, levando em conta as relações de poder que atravessam as construções discursivas, em uma sociedade em que antagonismos coexistem e tensionam a disputa por hegemonias.

Discurso e representações sociais mediáticas

Refletir sobre as representações sociais mediáticas e sobre a maneira como elas são apropriadas socialmente é fundamental em um contexto em que os discursos atravessam e ajudam a conformar todas as esferas da sociedade, constituídos por ideologias e interesses de grupos dependentes das disputas simbólicas (BOURDIEU, 1989). Disputam-se as crenças, a legitimidade, a hegemonia (GRAMSCI, 2001), percebida como uma relação de poder consentida entre aqueles que detêm o poder e os subordinados, resultando assim

4 Esse número também integra o Censo realizado pelo IBGE em 2010, como problematizado por Cavalcanti et al. (2016, p. 337).

em uma espécie de vontade coletiva que se constitui historicamente (LACLAU; MOUFFE, 2001, p. 116).

O conceito de discurso é aqui compreendido não como algo preconcebido nem definitivo, uma verdade inquestionável, universal. É uma ação social em constante negociação e construção (LACLAU, 1988), com seu sentido vinculado sempre à prática. Porém, por mais que o discurso seja maleável, há sentidos que se tornam hegemônicos, estabelecidos a partir de uma espécie de filtro social, já que a formação discursiva não é individual, e sim coletiva, originando-se a partir de lógicas de diferenciação e de equivalência que culminam em antagonismos (LACLAU; MOUFFE, 2001) que acontecem quando o outro é visto como inimigo, alguém que se deve eliminar, e não só como um diferente ou um adversário.

Expor como as disputas se materializam em discursos, sobretudo os hegemônicos, passou a ser o objetivo preferencial da Análise Crítica do Discurso (ACD), que, como define Van Dijk (2005), estuda os modos como o abuso de poder, a dominação e a desigualdade são praticados e reproduzidos pelo texto e pela fala. Apesar de sempre ter em conta a possibilidade de estudar os discursos de resistência, a ACD priorizou discursos que evidenciavam relações assimétricas para denunciar abusos. Neste estudo, a proposta é focar, ao contrário, em ações que propõem contra-narrativas, para melhor conhecê-las e inclusive identificar suas potencialidades e limitações. Mas não a partir de um discurso escrito, e sim de um discurso multimodal.

Essa característica nos leva à análise semiótica multimodal, que nasce da mesma raiz crítica da ACD, mas a partir da Semiótica Social (HODGE; KRESS, 1988; VAN LEEUWEN, 2005), desenvolvida para extrair de textos concebidos em diferentes linguagens as

mesmas relações de poder, ao se articularem os elementos textuais a conceitos tomados das Ciências Sociais (MOTA-RIBEIRO, 2010).

A partir dessa proposta, foi desenvolvida a ideia de uma análise multimodal (JEWITT; OYAMA, 2008; KRESS; VAN LEEUWEN, 2006; MACHIN; MAYR, 2012; O'HALLORAN; SMITH, 2011), aplicada para se compreender como diferentes modos semióticos, ou as maneiras usadas para representar as ideias e as coisas por diferentes linguagens (texto escrito, falado, sons, músicas, imagens estáticas e em movimento, ilustrações, animações etc.), associadas ou não, produzem sentido a partir de um determinado contexto social. A ideia desta proposta teórico-metodológica é desnaturalizar as representações, mostrar o que está dito ou mostrado, mas também o que não está e poderia ser dito ou mostrado (MACHIN; MAYR, 2012, p. 9), levando em conta o contexto de produção e difusão do conteúdo.

Para esta análise, será adotado o caminho proposto por Machin e Mayr (2012) de análise semiótica multimodal, em que são trabalhados os elementos lexicais dos diferentes modos semióticos presentes nas mensagens, bem como elementos do contexto da produção, para identificar como são significadas as ideias, os valores e as sequências representadas em determinados conteúdos. Tudo isso tendo como pano de fundo conceitos da teoria do discurso (LACLAU; MOUFFE, 2001), especialmente os conceitos de discurso, antagonismo e democracia radical de Mouffe (1992).

Para Mouffe (2013), é possível chegar a uma democracia radicalmente plural, em que as diferenças sociais coexistem com alguma tensão, mas não em estado de violência, e sim de modo agonístico, o que se dá pela política. Para chegar a esse ponto, a produção comunicacional tem relevância, podendo contribuir tanto para aprofundar os antagonismos, ao despolitizar o ambiente

mediático, como para amplificar o pluralismo social, politizando o espaço público (MAESEELE; RAEIJMAEKERS, 2017). Essa politização pode se dar de diversas maneiras, seja com o estímulo ao debate a partir de diferentes pontos de vista, pela exposição de contextos e ideologias que estão por trás de determinados fenômenos e decisões, e até ao assumir paixões, visões de mundo, mas de um modo transparente, expondo contra quem e o que se fala (os adversários), de um modo a não os deslegitimar, mas, ao contrário, expor tensões e apresentar alternativas.

Assim, a presente análise semiótica multimodal buscará perceber, em última instância, se os conteúdos em vídeo analisados, a partir da articulação dos diferentes modos semióticos, acabam por aprofundar antagonismos ou se favorecem um ambiente mediático agonístico. Em seguida, detalho os procedimentos adotados para o estudo.

Procedimentos e análise

O primeiro passo desta análise foi verificar o conteúdo publicado pelos dois coletivos de comunicação durante todo o ano de 2017. Ambos têm páginas de *web* próprias, mas utilizam principalmente o Facebook para difundir suas mensagens. O Favela News teve 69 *posts* durante todo o ano, a maioria com imagens. Já a atividade do Coletivo Papo Reto foi mais intensa, com quase 1.500 publicações ao longo de 2017 só no Facebook. Também foi mais variada, com mensagens em texto, fotos, memes e vídeos, em especial em *live streaming*.

Para a análise, escolhi quatro vídeos de cada grupo. O principal critério foi a diversidade: os vídeos tinham que ser diferentes,

seja pelo formato, a abordagem, ou o tema, mas todos obrigatoriamente tinham que se referir à favela, a seus moradores ou a assuntos que sejam relevantes para a comunidade local. Vídeos que tratavam de eventos e ações do próprio grupo de comunicação foram desconsiderados.

Os vídeos escolhidos são diferentes em tamanho (o mais curto com 1min44seg, e o mais longo com 43min51seg), em linguagem (a maioria, 5, não tem narração em *off*, e 3 tem narração) e no formato (4 são ao vivo e 4 são vídeos editados). O quadro a seguir traz a lista dos vídeos analisados.

	Grupo	vídeo-título	Data	duração	Formato
vídeo 1	C. Papo Reto	Moradores fazem manifestação...	21/04/17	05:31	<i>live streaming</i>
vídeo 2	C. Papo Reto	#DiadasCrianças na Matinha	12/10/17	07:56	<i>live streaming</i>
vídeo 3	C. Papo Reto	#NãoTemArrego	14/12/17	18:40	<i>live streaming</i>
vídeo 4	C. Papo Reto	Notícia sobre a invasão das casas...	28/04/17	19:51	<i>live streaming</i>
vídeo 5	Favela News	Favela news foi no Arruda...	22/09/17	43:51	reportagem com encenação
vídeo 6	Favela News	Giro Rosa Selvagem	02/05/17	02:38	reportagem
vídeo 7	Favela News	Se liga só	14/11/17	03:11	relato em primeira pessoa
vídeo 8	Favela News	Lugar de criança é...	05/10/17	01:44	clipe musical

Figura 1

Relação de vídeos analisados

Fonte: Levantamento realizado pela autora em junho de 2018

Todos os vídeos escolhidos foram transcritos, incluindo não só os elementos verbais, mas também as imagens e os sons, chegando-se a um relato detalhado em que foram acrescidas impressões sobre o tom das vozes, os ritmos musicais da trilha sonora, a definição do enquadramento, além de aspectos relacionados às expressões faciais e ao tratamento das fontes (BALDRY; THIBAULT, 2006).

As anotações foram, em seguida, confrontadas com algumas das representações midiáticas sobre a favela, para perceber de que modo o conteúdo dos vídeos dialoga com o tratamento dado pelos *media* tradicionais.

Com a transcrição e a confrontação entre as representações, foi possível confluír, assim, para a análise semiótica multimodal, em que, como sugerido por Machin e Mayr (2012), em alusão também ao trabalho de Fairclough (1995), buscou-se identificar os recursos semióticos utilizados para representar: 1) as atitudes dos falantes; 2) a forma como as pessoas são referenciadas; e 3) a forma como se mostra o que elas fazem (a transitividade). Também foi detalhada a maneira como os recursos semióticos foram aplicados para representar o espaço físico e geográfico da favela, a partir dos atributos dos elementos expostos, da composição das imagens e da identificação de salientes, pontos que se destacam na composição.

Os resultados são apresentados a partir de três dimensões que permitem uma visão mais concisa das estratégias discursivas evidenciadas nos vídeos, com as principais recorrências, bem como exceções e pontos dissonantes, para depois sintetizar as representações da favela que predominam nos vídeos destes dois grupos de *media* alternativos.

A normalização da favela

A normalização da favela é conseguida, entre outras estratégias, pelo posicionamento dos repórteres e da câmera, sempre de maneira imersiva, sendo parte daquele ambiente. O repórter, assim, não se coloca como um “outro” que desconhece aquele lugar, mas como parte dele, reconhecendo a favela como seu próprio lar, o que faz com que não tenha um olhar de estranhamento. O repórter caminha pelas ruas sem dificuldade, cumprimenta as pessoas que conhece e fala sobre como aquele espaço é sem a presença da polícia. Como exemplo, nos vídeos 4 e 5, há momentos em que os repórteres se referem às ruas da favela como “beco”, termo em geral pejorativo atribuído a lugares perigosos, onde não se deve caminhar, ou como na expressão “beco sem saída”, que significa uma situação sem solução. No contexto dos vídeos, contudo, a informalidade aproxima os repórteres de seus interlocutores, os moradores de favelas, que utilizam essa mesma linguagem em seu cotidiano, estabelecendo um diálogo entre iguais (FAIRCLOUGH, 1995).

Em nenhum momento a favela é mostrada como um ambiente naturalmente perigoso ou inadequado para quem quer que seja. Pelo contrário. É o que sugere o vídeo 8, quando mostra crianças brincando com os pés descalços em ruas degradadas. Mesmo quando elas são muito pequenas e aparecem sozinhas, como o menino que escala um poste de iluminação repleto de fios, ao lado de um muro equipado por cerca elétrica e de um monte de lixo (FIG.2), não é destacado o perigo da situação, mas sim o pertencimento daquela criança àquele lugar, a interação com o ambiente e a segurança de estar ali, fazendo coisas de uma infância saudável. Isso é reforçado pela música instrumental alegre que dá ritmo à cena, bem como pelo

contexto do vídeo, que apresenta crianças falando sobre os lugares que devem ser ocupados por elas mesmas, como um direito.



Figura 2

Trecho do vídeo 8, do Favela News

A identificação de alguns habitantes por sua profissão é uma das maneiras utilizadas para enfatizar a favela como lar de cidadãos. Em duas publicações, os vídeos 4 e 5, um dos entrevistados era pastor protestante, que testemunhava a honestidade de seus vizinhos e a injustiça cometida pela polícia contra eles.

Há, porém, a exposição de um sentimento de resignação, que acompanha a normalização da favela ao retratá-la como um espaço que nunca será reconhecido pelo restante da sociedade, por mais que seus moradores mereçam isso. Isso ocorre no vídeo 5, que mistura reportagem e ficção, quando o repórter encena uma situação em que aparece como um habitante local que é surpreendido pela chegada de uma encomenda em casa (FIG. 3). Em seguida, esse mesmo morador surge como se estivesse dormindo no sofá, acorda e percebe que tudo não passou de um sonho.

A cena foi construída em linguagem de videoclipe, com uma paródia musical em que se cantava, ao ritmo de funk, “eu só quero é ser feliz, receber correspondências na favela onde eu cresci”⁵, e tem um sentido de humor. Para criar um ambiente onírico, as cores foram modificadas: durante o “sonho”, a cena ficou mais clara, com perda de saturação e destaque para tons pastéis, o que fez com que o ambiente parecesse mais limpo, puro e feliz; depois do “despertar”, o ambiente retomou suas cores e tons originais, mais escuros, sujos e degradados. Assim, a construção bem-humorada acabou por traduzir-se em consternação, ao reconhecer que a favela nunca será aceita socialmente, nunca terá serviços públicos básicos e que, mesmo com denúncias e reclamações, a mudança não seria alcançável, sendo apenas um sonho.



Figura 3

Trecho do vídeo 5, do Favela News

A favela como alvo de ataques

Nos *media* noticiosos tradicionais e em algumas peças de ficção, os moradores de favelas são frequentemente associados a facções do crime organizado, o que ocorre nas notícias que falam sobre ope-

5 A música parodiada foi “Rap da Felicidade”, de Cidinho e Doca (2007).

rações policiais que “ocupam” uma determinada favela. Na narrativa dos dois grupos de *media* alternativos analisados, o que ocorre são “invasões” da polícia, que não mata traficantes, mas trabalhadores, pessoas inocentes que não têm qualquer participação em crimes. Isso está presente com mais ênfase no vídeo 4, em que o repórter faz uma transmissão ao vivo para mostrar uma favela onde policiais haviam invadido casas para atacar os moradores locais. Uma invasão ilegal, o que o repórter demonstrou ao falar que havia uma decisão judicial que determinava a saída dos policiais da favela.

As imagens associadas ao relato reforçam a posição de marginalidade que se imputa não aos moradores, mas aos policiais, que estavam escondidos atrás de paredes (FIG. 4), sem placas de identificação e segurando um armamento pesado (fuzis), formando uma composição que conota um comportamento esperado de criminosos, não de agentes da lei. Imagens das fachadas de algumas casas repletas de buracos de tiros enfatizam a inversão de papéis que esta narrativa acaba por estabelecer.



Figura 4

Trecho do vídeo 4, do Coletivo Papo Reto

A violência, assim, é associada estritamente à presença policial. Em nenhum momento nos vídeos analisados é reconhecido que há criminosos nas favelas e que eles também têm armas. O agente que introduz a violência na favela é sempre a polícia, que também suprime dos moradores um direito básico, o de propriedade, um direito que não se restringe à casa, mas à favela como um todo. Por isso, as ações policiais são consideradas invasões.

Já em momentos de festa, como mostra o vídeo 2, não há qualquer ameaça nem tensão. A favela surge como um espaço de sociabilidade, alegria e uso da criatividade, com um ambiente limpo, claro e alegre. Marcas da pobreza se tornam invisíveis, pela presença de crianças felizes, que brincam e interagem umas com as outras sem sentir medo. Somente a presença policial com suas armas esvazia qualquer ideia de cidadania entre os habitantes das favelas.

Espaço de enfrentamento

A postura dos coletivos de comunicação alternativa em favelas não é passiva nem simplesmente vitimiza os habitantes locais. É uma postura de denúncia e enfrentamento, em que se enfatiza o papel das câmeras como armas contra a violência do Estado. Isso ocorre no vídeo 1, quando o repórter afirma que ia manter a câmera ligada para impedir que policiais pudessem fazer algum ato de violência. No vídeo 4, o repórter utiliza a câmera como ferramenta para obter provas contra os policiais, algumas vezes com o *zoom* acionado, e diz que as imagens seriam integradas a processos criminais contra os agentes da lei.

Por outro lado, a câmera também é vista como perigosa. Tanto que, quando ia escutar moradores que relatavam ter sido agredi-

dos por policiais, o repórter explicava que não mostraria seus rostos para protegê-los contra possíveis represálias. No vídeo 4, em muitos momentos a câmera passou a ser dirigida ao chão ou às paredes, e só quando havia policiais, o repórter ajustava o foco para tentar captar seus rostos. As vozes de todos são expostas sem alteração.

A câmera também se torna uma arma perigosa quando está nas mãos da polícia. Isso ocorre no vídeo 1, quando o repórter afirma que os policiais estavam fazendo fotografias de todas as pessoas que passavam para intimidá-las. Mesmo sob ameaça, os repórteres se expõem, como no vídeo 4, em que o narrador aparece, mais de uma vez, invertendo o sentido da câmera, em uma *selfie*. Há, inclusive, um momento em que o repórter diz ter ouvido um policial chamando-o pelo nome (Raull Santiago), também no vídeo 4, o que enfatiza tanto seu papel como jornalista, como seu *status* de cidadão, já que atua com transparência e não se esconde, o oposto dos policiais, armados, violentos, não identificados e, por tudo isso, ilegítimos e marginais. Assim, mostrar o rosto torna-se um ato político, bem como protegê-lo, como ocorre em relação aos moradores em contexto de violência.

O enfrentamento, em mais de um momento, também é demonstrado pela legitimidade garantida pela lei aos habitantes das favelas, como acontece no vídeo 3, em que mototaxistas denunciavam a cobrança de suborno por policiais e alegavam estar amparados na lei, já que tinham “todos os documentos”. No vídeo 7, o argumento é semelhante quando dois jovens, que narravam uma situação em que foram expulsos de uma praia por policiais sem nenhuma motivação aparente, dizem que são trabalhadores, honestos e que a lei garante o direito de todos de ir a locais públicos (FIG.5). Ao mesmo tempo em que reafirmam seu direito, porém, eles acabam por expor um sentimento de resignação e conformismo ao reconhecer uma assimetria

nas relações sociais do país, impossíveis de contornar, já que a lei, mesmo sendo favorável, é usada para beneficiar apenas quem tem o poder. “Polícia é fardamento, e a gente é pobre, negro, não vai ter mais direito do que ele. A lei do Brasil é uma merda, não serve pra nada”.

Mesmo conformados, entretanto, os dois jovens assumem uma posição de enfrentamento, ao falar, diante da câmera, sobre o que ocorreu, sem demonstrar medo nem vergonha. Eles também não têm uma posição de revolta, nem clamam por justiça. A exposição da história é sua maneira de se manifestar, posicionando-se como pessoas que merecem ser reconhecidas como dignas para falar diante de uma câmera e de ser ouvidas, dando um testemunho legítimo de um tipo de abuso que afeta cotidianamente os mais pobres, negros, favelados. Não por culpa sua, mas pela injustiça social.



Figura 5

Trecho do vídeo 7, do Favela News

Considerações finais

A análise dos vídeos é um exercício inicial para refletir sobre como os *media* alternativos utilizam técnicas e ferramentas comuni-

cacionais audiovisuais, inclusive do jornalismo, como estratégia de luta para gerar mudanças sociais, que afinal começam com transformações nas representações sociais.

Claramente o maior alvo das mensagens difundidas pelos dois grupos de *media* alternativos analisados foi o estigma do favelado (GONDIM, 1982), o que é possível de identificar tanto pela maneira como se afirma o direito à dignidade e ao reconhecimento da cidadania dos moradores das favelas, como pela supressão de qualquer possível marca negativa associada a eles, como a criminalidade e a degeneração. Os moradores de favelas são cidadãos, trabalhadores, honestos, identificados por nome e profissão, a partir de um processo de individualização (MACHIN; MAYR, 2012) que transgride a coletivização evidenciada no estigma do favelado. Já o crime e a violência existentes não são associados aos moradores da favela, mas ao Estado, personificado na polícia, que não tem nome, nem voz (já que nenhum policial é ouvido nos vídeos), tornando-se impessoal e agindo unicamente como dispositivo gerador de violência.

Este discurso, que estabelece lógicas de equivalência em relação aos cidadãos legitimados socialmente, ao recorrer a atribuições que lhes são comuns, já tem sido acionado nos *media* em produções culturais recentes, como vimos, inclusive no *mainstream*. Além disso, partilha a mesma base ideológica, que vem do ideal do liberalismo (DEWEY, 1935), que sustenta que todo indivíduo tem o direito à propriedade e à sua condição de sujeito individual, que pode ir e vir a qualquer lugar, o que é garantido por lei. Não há uma visão revolucionária nem necessariamente contra-hegemônica neste discurso, no sentido de Williams (1979), que relaciona a contra-hegemonia à vanguarda ou à resistência ao hegemônico. Nos vídeos, há uma posi-

ção apaziguadora, que tenta normalizar a visão sobre a favela, como um espaço da cidade igual a qualquer outro.

A postura apaziguadora, contudo, não suprime a necessidade de estabelecer um enfrentamento contra a imensa desigualdade de acesso a direitos básicos e contra a violência do Estado. O enfrentamento expõe, assim, determinados antagonismos (LACLAU; MOUFFE, 2001) inconciliáveis, já que a polícia é identificada como violenta, ilegal e racista, representação bem diferente da que se estabelece cotidianamente nos *media* noticiosos do *mainstream*, em que os moradores são pouco ouvidos, muitas vezes somente como o “outro lado” (TRISTÃO; SANGLARD, 2014).

Assim, por um lado os meios de comunicação alternativos mostram uma favela que busca se conciliar com a cidade, para que possa ser vista como um espaço como qualquer outro, e, por outro, evidenciam uma relação de confrontação que só é possível de ser transformada com a saída da polícia dos limites do seu território, como forma de apagar o racismo e a ilegalidade, restabelecendo a dignidade aos moradores. Não há, contudo, um enfrentamento contra as assimetrias de poder na sociedade: não se questiona as más condições de vida, a pobreza, a precariedade de serviços públicos básicos. Essa realidade é acatada como algo imutável, natural, sendo também natural que os habitantes da favela tenham que cuidar de si mesmos, porque isso não irá mudar.

Toda essa construção é resultado de uma combinação de diferentes modos semióticos, que permitem que vejamos os habitantes locais (quando estão em contextos não violentos) de frente, em enquadramentos em primeiro plano, que ouçamos suas vozes e seus pensamentos e que vejamos o local em que vivem, ao caminhar entre as ruas com a câmera, muitas vezes, em primeira pessoa – já que é

levada pelo próprio repórter –, em um processo de individualização que humaniza os habitantes da favela de uma maneira geral. Mas isso também acontece ao não trazer as vozes dos atores que normalmente são os que falam para os *media* noticiosos sobre as favelas, como os policiais, os gestores públicos e os acadêmicos, sendo que os policiais, nos vídeos feitos por estes dois grupos de *media* alternativos, são inclusive despersonalizados e objetificados, sendo metonimizados em armas de reprodução da violência e do racismo.

A negação desses agentes como pessoas, indivíduos e como vozes de autoridade é significativa, pois delimita uma posição de diferenciação e de oposição clara sobre a quem cabe o direito de falar sobre e pelas favelas. Um direito restrito a quem vive ali, o que inclui o repórter, um igual que fala e que visibiliza as vozes de outros habitantes, endereçando toda a comunicação para interlocutores também iguais, o que é demarcado pelo uso de uma linguagem informal local (FAIRCLOUGH, 1995).

É possível identificar dois possíveis efeitos nessa construção. De um lado, a atuação dos dois grupos de *media* alternativos analisados pode ser considerada uma ação extremamente importante por inserir na agenda pública assuntos normalmente tratados a distância pelos *media* tradicionais. Mas, por outro lado, essa ação não aponta para os problemas sociais que são os causadores de todas as assimetrias (com exceção da violência), como a presença do crime organizado nas favelas, as más condições de infraestrutura, a pobreza que afeta todos os moradores locais. Essas características ou são apagadas, como no caso do crime, ou são naturalizadas, aceitas como algo imutável, o que retira de cena situações que poderiam ser enfrentadas, para gerar mudanças sociais bem mais profundas.

É necessário reconhecer que esse contexto de comunicação é de conflito social, com profundos antagonismos. E mesmo ao tentar normalizar a favela e combater o estigma do favelado, apresentando outras faces dos habitantes como cidadãos, as iniciativas dos *media* alternativos enfrentam limitações para gerar um ambiente mediático mais plural. Isso porque um cenário agnóstico (MOUFFE, 2013) teria que contemplar o reconhecimento do outro não como um inimigo, mas como um adversário legítimo e potencial interlocutor. No lugar disso, temos uma comunicação encapsulada, voltada para comunicar só para iguais, os moradores das favelas, o que é demarcado tanto pela linguagem informal, inclusive repleta de gírias, como pela falta de contextualização dos vídeos, que poderia ampliar sua compreensão e, com sua, sua visibilidade. Ainda assim, trata-se de uma comunicação que contribui para gerar transformação social, ao ampliar a autoestima da comunidade local e incitar um ativismo cidadão, mas sem alcançar um estado de pluralismo ao ponto de politizar as discussões.

Essa reflexão nos deixa como questão para futuros estudos: até que ponto também não é legítimo e necessário aderir a estratégias de comunicação que estimulem claramente algum antagonismo para conquistar de fato transformações sociais? Esse tipo de questionamento pode ser relevante sobretudo, quando temos em vista situações de conflito e profundas desigualdades sociais.

Referências

ANDROVANDI, A. **A favela no horário nobre da TV aberta brasileira: uma análise da novela “Duas Caras”**. 2010. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, [s. l.], 2010.

ATTON, C. **Alternative Media**. [s.l.] : SAGE Publications, 2002.

ATTON, C. Alternative journalism. In: DOWNING, J. D. H. (Ed.). **Encyclopedia of Social Movement Media**. Thousand Oaks, London, New Delhi: Sage, 2011.

BALDRY, A.; THIBAUT, P. J. **Multimodal Transcription and Text Analysis - A multimedia toolkit and coursebook**. London, Oakville: Equinox, 2006.

BARCELLOS, C.; ZALUAR, A. Homicídios e disputas territoriais nas favelas do Rio de Janeiro. **Rev. Saúde Pública**, [s. l.], v. 48, n. 1, p. 94–102, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102014000100094&lng=pt>

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. São Paulo: Bertrand Brasil, 1989.

CARRIL, L. **Quilombo, favela e periferia: a longa busca da cidadania**. São Paulo: Annablume, 2006.

CAVALCANTI, H. et al. Tipologia e Caracterização dos Assentamentos Precários: região metropolitana do Recife. In: MORAIS, M. da P.; KRAUSE, C.; NETO, V. C. L. (Eds.). **Caracterização e Tipologia de Assentamentos Precários** - Estudos de Caso Brasileiros. Brasília: Ipea - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2016. p. 307–376.

CUSTÓDIO, L. **Midiativismo de favela. Reflexões sobre o processo de pesquisa**. [s.l.] : University of Tampere, School of Communication, Media and Theatre, 2017. Disponível em: <<http://www.uta.fi/cmt/index/Midiativismo-de-Favela.pdf>>

FAGUNDES, L. S. **A vida nas favelas do Rio de Janeiro: a representação da realidade nos documentários brasileiros sobre ‘aglomerados subnormais’**. 2016. Instituto Politécnico de Lisboa, [s. l.], 2016.

FAIRCLOUGH, N. **Media Discourse**. London: Arnold, 1995.

GONDIM, L. M. A manipulação do estigma de favelado na política habitacional do Rio de Janeiro. **Revista de Ciências Sociais**, [s. l.], v. 13, n. 2, p. 27–44, 1982. Disponível em: <http://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/9716/1/1982_art_lmgondim.pdf>

GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere**: Os intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. v. 2

HARCUP, T. 'The unspoken – said'. [s. l.], v. 4, n. 3, p. 356–376, 2003.

HODGE, R.; KRESS, G. **Social Semiotics**. New York: Cornell University Press, 1988.

IBGE. **Censo Demográfico**. [s.l: s.n.].

JEWITT, C.; OYAMA, R. Visual Meaning: a Social Semiotic Approach. In: VAN LEEUWEN, T.; JEWITT, C. (Eds.). **The Handbook of Visual Analysis**. London: Sage, 2008. p. 134–156.

KERSHISNIK, B. A violência lenta da ditadura: A formação e influência do Comando Vermelho. **La Marca Hispánica**, [s. l.], n. 23, 2012.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. **Reading Images**: The Grammar of Visual Design. London, New York: Routledge, 2006.

LACLAU, E. Metaphor and social antagonisms. In: NELSON, C.; GROSSBERG, L. (Eds.). **Marxism and the Interpretation of Culture**. Champaign: University of Illinois Press, 1988. p. 249–258.

LACLAU, E.; MOUFFE, C. **Hegemony and Socialist Strategy**: Towards a Radical Democratic Politics. [s.l.] : Verso, 2001.

MACHIN, D.; MAYR, A. **How to do Critical Discourse Analysis** - A multimodal introduction. Los Angeles, London, New Delhi: Sage, 2012.

MAESELE, P.; RAEIJMAEKERS, D. Nothing on the news but the establishment blues? Toward a framework of depoliticization and agonistic media pluralism. **Journalism**, [s. l.], p. 1–18, 2017. Disponível em: <<http://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1464884917739476>>

MORAES, D. Agências alternativas em rede e democratização da informação na América Latina. In: MORAES, D.; RAMONET, I.; SERRANO, P. (Eds.). **Mídia, Poder e Contrapoder**: da concentração monopólica à democratização da informação. Rio de Janeiro: Boitempo Editorial, 2013.

MOTA-RIBEIRO, S. **Do Outro Lado do Espelho: Imagens e discursos de gênero nos anúncios das revistas femininas - uma abordagem sócio-semiótica visual feminista**. 2010. Universidade do Minho, [s. l.], 2010.

MOUFFE, C. **Dimensions of Radical Democracy: Pluralism, Citizenship, Community**. [s.l.] : Verso, 1992.

MOUFFE, C. **Agonistics - Thinking the world politically**. London, New York: Verso, 2013.

O'HALLORAN, K.; SMITH, B. Multimodal Studies. In: O'HALLORAN, K.; SMITH, B. (Eds.). **Multimodal Studies - Exploring Issues and Domains**. London, New York: Routledge, 2011.

OLIVEIRA, B. C. de S. Políticas Públicas e Participação Social no PAC das Favelas. In: RODRIGUES, R. I. (Ed.). **Vida Social e Política nas Favelas - pesquisas de campo no Complexo do Alemão**. Rio de Janeiro: Ipea - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2016. p. 95–114.

OLIVEIRA, D. Jornalismo alternativo: um potencial para a radicalização da democracia. **Signo y pensamiento**, [s. l.], v. 30, n. 58, p. 52–63, 2011.

PERUZZO, C. M. K. Conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária revisitados: reelaboraões no setor. **Palavra Clabe**, [s. l.], v. 11, n. 2, 2008. Disponível em: <<http://palabraclave.unisabana.edu.co/index.php/palabraclave/article/view/1503/1744>>

ROBERTSON, C. **Favelas na Mídia: Como a Vinda da Imprensa Global na Era dos Megaeventos Transformou a Imagem das Favelas** 1094 matérias-oito veículos de mídia globais-2008-2016. Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://comcat.org/wp-content/uploads/2016/12/Relatorio-Favelas-Na-Midia-ComCat.pdf>>. Acesso em: 24 maio. 2019.

ROCHA, D. G. Imprensa e favelas, representações e políticas. **Revista Observatório**, [s. l.], v. 4, n. 2, 2018. Disponível em: <<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/3516>>. Acesso em: 29 jan. 2019.

ROCHA, S. M. Debate público e identidades coletivas: a representação de moradores de favela na produção cultural da televisão brasileira. **Intexto**, [s. l.], v. 1, n. 14, p. 1–21, 2006.

RODRIGUEZ, C. **Fissures in the Mediascape: An International Study of Citizens' Media**. [s.l.] : Hampton Press, 2001.

RODRIGUEZ, C.; FERRON, B.; SHAMAS, K. Four challenges in the field of alternative, radical and citizens' media research. **Media Culture & Society**, [s. l.], v. 36, n. 2, p. 150–166, 2014.

ROSAS-MORENO, T. C.; STRAUBHAAR, J. D. When the marginalized enter the national spotlight : The framing of Brazilian favelas and favelados. **Global Media and Communication**, [s. l.], v. 11, n. 1, p. 61–80, 2015.

SILVA, R. N. Da. **Rádio Brisa: ecos e sons da favela da Rocinha**. Dissertação. 2007. Fundação Getúlio Vargas, [s. l.], 2007.

SILVA, J. de S.; ANSEL, T. A. **Mídia e favela: comunicação e democracia nas favelas e espaços populares**. [s.l: s.n.].

TRISTÃO, M. B.; SANGLARD, F. N. A produção de sentidos no jornalismo: os modelos pelo mundo e a cobertura da criminalidade no Complexo da Maré no Rio. **Revista Epos**, [s. l.], v. 5, n. 2, p. 194–219, 2014.

VALLADARES, L. A gênese da favela carioca. **RBCS**, [s. l.], v. 15, n. 44, 2000.

VAN DIJK, T. A. **Discurso, Notícia e Ideologia** - Estudos na Análise Crítica do Discurso. Porto: Campo das Letras, 2005.

VAN LEEUWEN, T. **Introducing Social Semiotics**. [s.l.] : Routledge, 2005.

VAZ, L. F. Dos Cortiços às Favelas E Aos Edifícios De Apartamentos — a Modernização Da Moradia No Rio De Janeiro. **Análise Social**, [s. l.], v. 29, n. 127, p. 581–597, 1994. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/41011022>>

VIVES, R. C. A. **Quem faz a rádio comunitária?** Estudo de caso em uma favela da Zona Oeste do Rio de Janeiro. 2009. [s. l.], 2009. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10438/2698>>

WILLIAMS, R. **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

Data da submissão: 30/01/2019

Data de aceite: 08/05/2019